

## Ainda biocombustíveis e alimentos - João Flávio Veloso Silva

por João Flávio Veloso Silva

O tema dos biocombustíveis tem sido muito discutido recentemente. Mesmo na Embrapa, temos diferentes opiniões sobre possíveis vantagens e desvantagens, evidenciando, mais uma vez, que somos reflexo da sociedade. E isso é bom, pois é desse debate que surgem as boas idéias para o cumprimento da nossa atividade fim, que é a geração, adaptação e transferência de conhecimentos. Na maioria das vezes, os conhecimentos que estão sendo inicialmente desenvolvidos agora somente serão viáveis no longo prazo.

Uma das questões que tem nos preocupado é o aumento verificado nos preços dos alimentos, que podem estar aquecidos devido à produção dos biocombustíveis. Exceto no caso do milho, para os outros produtos agrícolas o aumento está mais relacionado à maior demanda de alimentos de países como a China e aos baixos níveis dos estoques reguladores mundiais. A demanda e a oferta desses produtos estão muito próximas, significando vulnerabilidade por reveses na produção, resultando em preços aquecidos. Para o milho, de fato o mercado de biocombustíveis trouxe preocupações, pois os EUA, que dominavam o mercado mundial desse produto, estão direcionando as suas safras para a produção de etanol. Isto possibilitou que países como o Brasil pudessem competir para suprir este mercado mundial de milho, o que será muito bom para os agricultores brasileiros, pois o milho é um excelente cultivo para a composição de sistemas agrícolas mais sustentáveis. Assim, os melhores preços do milho poderão trazer outros benefícios ao Brasil, além dos econômicos.

No caso da soja, o principal produto gerado pela cultura não é o óleo, mas o farelo (proteína). O Brasil exporta quase metade da sua produção sem qualquer beneficiamento, na forma de grãos, devido às maiores taxas de importação de outros países sobre produtos industrializados. Estamos exportando, junto com os grãos de soja, empregos que poderiam ser gerados no Brasil. Desta forma, será benéfico que tenhamos uma maior demanda interna por óleo vegetal para atender à produção brasileira de biodiesel, induzindo maior esmagamento de soja e maior consumo interno do farelo na produção de carnes e gerando mais empregos no País. A geração de empregos é o principal fator de acesso da população aos alimentos.

Mas se para o Brasil os biocombustíveis e uma demanda de alimentos mais aquecida podem significar mais oportunidades de divisas e empregos para a população, para outros países isso não é verdade. E para que possamos fazer uma discussão deste tema, precisamos discutir alguns pontos que, ironicamente, não têm sido levantados nesta discussão.

Um dos principais empecilhos à produção de alimentos no mundo são as barreiras tarifárias e não-tarifárias. Estas barreiras, existentes especialmente nos países desenvolvidos, estão quebrando a agricultura dos países pobres e em desenvolvimento, pois os agricultores têm dificuldades de comercializar sua produção a preços justos, fazendo com que estes agricultores deixem a atividade rural e migrem para as cidades. E os efeitos disso são a concentração de terras, as monoculturas, a degradação ambiental etc. Tudo que o mundo sabe que não é bom. É preciso que todos agricultores tenham a oportunidade de viver dignamente do seu trabalho no campo, e não somente aqueles que produzem na Europa e nos EUA, altamente subsidiados e protegidos pelas barreiras.

O que aprendemos com o início dessa polêmica entre a agricultura de alimentos e a de energia é que, de fato, é preciso estimular a independência dos países na produção de alimentos, com vistas à sua segurança alimentar. Há muitos países que possuem terras agricultáveis, mas não estão produzindo, devido a guerras e a outros conflitos que acabaram com a sua organização interna, como muitos localizados na África. Essas guerras foram excelente negócio para países exportadores de armas, mas criaram uma vulnerabilidade que trará muitos problemas para o mundo.

Assim, não creio que esteja ocorrendo uma discussão verdadeira sobre o tema. Há muita preocupação dos países ricos em proteger mercados escondida na discussão sobre os biocombustíveis, da mesma forma que há na questão ambiental. Sei que é esperar muito buscar uma discussão mais humana e, de fato, de oportunidades globalizadas, mas não podemos deixar de advertir ao mundo rico que a situação atual é muito mesquinha.

*João Flávio Veloso Silva é pesquisador da Embrapa Soja cedido para a Embrapa Milho e Sorgo. É líder do projeto Biodiesel da Embrapa.*

Publicado no Portal ZooNews em 07/12/2007.



**ZOONEWS**

<http://www.zoonews.com.br>